

DARDEL LEVINASIANO? O SENTIDO DA HIPÓSTASE E A IRRUPÇÃO DO SUJEITO NO LUGAR

Is Dardel levinasian? The sense of hypostasis and the irruption of the subject in place

Jamille da Silva Lima¹

RESUMO

“O homem e a terra: natureza da realidade geográfica”, de Éric Dardel, é reconhecida como proposição original de uma geografia fenomenológica existencial. A partir de uma forte base filosófica, Dardel construiu uma reflexão ontológica da espacialidade, fundada no conceito de “geograficidade” (cunhado por ele), como relação concreta Homem-Terra, constituindo o fundamento da filosofia da geografia dardeliana, comumente associada ao pensamento de Heidegger. No entanto, se Heidegger ou Bachelard são recorrentemente reconhecidos como importantes na geografia de Dardel, outro autor, citado diretamente por ele, pode ter influenciado de maneira igualmente decisiva alguns dos conceitos centrais de seu pensamento: Emmanuel Levinas. Em vista disso, objetivamos compreender o papel da filosofia de Levinas na geografia de Dardel, especificamente no que se refere ao conceito de lugar enquanto ontologia espacial da existência. Esse esforço permite outra vertente de compreensão da fenomenologia existencial de Dardel, contribuindo para potencialização de seus desdobramentos para a Geografia.

Palavras-chave: Geografia humanista. Epistemologia da Geografia. Fenomenologia existencial.

ABSTRACT

Eric Dardel’s “Man and the earth: nature of geographical reality” is recognized as the original proposition of an existential phenomenological geography. Based on a strong philosophical approach, Dardel created an ontological reflection of spatiality, founded on the concept of “geograficity” (coined by himself) as a concrete Man-Earth relation, constituting the foundation of the philosophy of Dardelian geography, commonly associated to Heidegger’s thoughts. However, if Heidegger or Bachelard are recurrently recognized as important figures in Dardel’s geography, another author, quoted directly by him, may have potentially influenced some of the central concepts of his work: Emmanuel Levinas. Thus, we aim to understand the role of Levinas’ philosophy in Dardel’s geography, specifically regarding the concept of place as spatial ontology of existence. This effort allows the understanding of another aspect of Dardel’s existential phenomenology, contributing to strengthen its ramifications to Geography.

Keywords: Humanist geography. Epistemology of Geography. Existential phenomenology.

¹ Geógrafa, Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus IV), Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). jaslima@gmail.com.
✉ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV. Rua J. J. Seabra, 158, Bairro Estação, Jacobina, BA. 44700-000.

INTRODUÇÃO

A obra de Éric Dardel “O homem e terra: natureza da realidade geográfica” nos permite refletir sobre os fundamentos de uma geografia existencial que “precede e sustenta a ciência objetiva” (DARDEL, 2011, p. 1). Seu papel pioneiro e de vanguarda (SEMERARI, 1996) abriu um novo caminho epistemológico para a Geografia, apesar da sua proposta não ser primariamente de cunho epistemológico (BESSE, 2011). A preocupação em discutir o “ser geográfico’ do ser humano” (BESSE, 2011, p. 112), possibilitou um debate profundo sobre a geograficidade, conceito proposto pelo próprio Dardel para tratar da perspectiva ontológica da espacialidade.

A geograficidade e o sentido fenomenológico que ela movimentou reverberaram em distintas áreas do conhecimento, mas na Geografia, especialmente, significou a abertura aos problemas da existência e a fundamentação de um outro modo de pensar geográfico. Especialmente a partir da década de 1970, a obra dardeliana foi abundantemente citada pelos geógrafos anglo-saxões (HOLZER, 1993, 2011; PINCHEMEL, 2011), considerados percursos da Geografia Humanista, a exemplo de Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttner. No entanto, sua difusão mais contundente se deve a publicação no ano de 1986 da tradução italiana (MARANDOLA JR., 2011).

Há um hiato entre o ano de publicação original da obra, 1952 na França, onde também ficou esquecida durante décadas, e o início da sua disseminação. A leitura tardia de um autor considerado tão importante à renovação do pensamento geográfico, culminou em dois movimentos. Um primeiro relacionado à necessidade de destacar a contribuição de Éric Dardel para a compreensão fenomenológica da existência humana e o fazer geográfico e um segundo, concomitante, marcado pela busca por entender o porquê da marginalidade da obra

em mais de uma geração de geógrafos, como bem exemplifica o texto publicado por Raffestin (1987), intitulado “*Pourquoi n’avons-nous pas lu Éric Dardel?*”

Um dos motivos que respondem essa questão é, segundo Raffestin (1987), o emprego de uma linguagem poética na escrita de Dardel, em tempos de acentuado pragmatismo nas ciências de modo geral. Na Geografia, a necessidade de reconstrução e recuperação econômica dos países, sobretudo europeus, que sentiam os efeitos da Segunda Guerra Mundial, implicou numa aproximação às ciências exatas, tornando a análise sistêmica e a linguagem matemática caminhos considerados mais adequados ao contexto político-ideológico vigente. Como nos lembra Farinelli (1996), a obra dardeliana é contemporânea do clássico texto de Fred Schaefer (1977), “O Excepcionalismo na Geografia”, originalmente publicado em 1953.

Na contramão do movimento pragmático, Dardel, inspirado no literato francês Saint-Exupéry, destacava a distinção entre espaço geométrico e geográfico (FARINELLI, 1996), pretendendo distanciar-se da noção estrita de espaço enquanto dimensão extensiva. Constrói a defesa da espacialidade como conteúdo da existência e não como métrica topológica ou topográfica, tal como predominava na Geografia da época. Enquanto os geógrafos, majoritariamente, apregoavam a Geografia sob a ótica de uma objetificação, Dardel a relacionou à situacionalidade do homem no mundo, ao sentido geográfico do ser humano, às experiências espacialmente manifestas e à dimensão ontológica da existência.

Com efeito, na conjuntura do pós-guerra, a proposta dardeliana parecia que tinha algo de inapreensível (RAFFESTIN, 1987). Dardel produziu uma Geografia original e autônoma em relação aos paradigmas instituídos em sua época. À frente de seu tempo (MARANDOLA JR., 2011), gozando de uma certa liberdade (LÉVY,

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
 Jamille da Silva Lima

1996), ele transpôs barreiras disciplinares, conformando uma escrita densa em suas influências filosóficas, literárias e também geográficas.

A investigação dessas influências ajuda-nos a situar a geografia dardeliana e a dimensionar as possibilidades de seu pensamento para essa ciência. Alguns autores são recorrentemente reconhecidos como importantes na geografia de Dardel, como Martin Heidegger (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2015), Gaston Bachelard e Friedrich Nietzsche (DAVIM, 2015). Porém, outro autor, também citado diretamente por ele, pode ter influenciado de maneira igualmente decisiva alguns dos conceitos centrais de seu pensamento: trata-se do filósofo franco-lituano Emmanuel Levinas (1905-1995). Aluno de Edmund Husserl e Martin Heidegger, Levinas desenvolveu uma fenomenologia da fadiga, do cansaço, da insônia, do gozo e, principalmente, da socialidade, centrada na relação face-a-face (o rosto). O seu pensamento é animado pelo movimento de excedência (sair do ser), que fomenta várias formas de substantivação do ser: as hipóstases.

No âmbito da filosofia, a hipóstase se refere ao evento em que uma ação designada por um verbo se torna um ser, ou seja, um substantivo. Embora as hipóstases sofram metamorfoses ao longo do pensamento levinasiano, elas são oriundas de numa inversão dos termos da diferença ontológica heideggeriana, na qual a existência (o ser) se submete ao existente (o ente), dada a necessidade de abrir-se para uma ética.

A primeira hipóstase defendida por Levinas, após a publicação da obra "Da evasão", de 1936, encontra-se em "Da existência ao existente", livro publicado em 1947. Neste, a hipóstase significa a posição de um sujeito que assume o ser, cuja condição primária se manifesta através do sono, no qual se estabelece uma relação com o lugar, considerado base de nossa existência. O "lugar do sono" consiste

no "aqui" da consciência, precedendo toda a compreensão, horizonte e tempo. Esse entendimento é adotado por Dardel, que recorrendo a filosofia de Levinas, concebe o lugar enquanto irrupção do sujeito e fundamento da tomada de consciência.

Em vista disso, objetivamos compreender o papel da filosofia levinasiana na geografia de Dardel. Para além das poucas citações explícitas, o texto apresenta uma sugestiva influência da filosofia de Levinas, mais do que se pode supor à primeira vista, sobretudo no que se refere à primeira fase do pensamento do filósofo, especialmente a obra "Da existência ao existente", publicada cinco anos antes de "O homem e a terra" vir à luz. Apesar da centralidade desta obra, a qual expressa o pensamento de Levinas naquele momento, buscamos articular desdobramentos em obras posteriores apenas para auxiliar na compreensão do movimento de sua filosofia naquelas questões que aparecem de forma explícita no livro de Dardel, principalmente no que se refere ao conceito de lugar enquanto espacialidade existencial.

O quão levinasiano seria sua geografia é a pergunta que motiva este artigo, buscando abrir outra vertente de leitura da geografia dardeliana que, longe de enfraquecer as influências de outros autores, permite adensar a compreensão da obra e assim potencializar seus desdobramentos para a Geografia.

O CONCEITO DE LUGAR E O SENTIDO DA HIPÓSTASE PARA LEVINAS

O conceito de lugar é fundamental na filosofia de Emmanuel Levinas, sendo profundamente discutido nas obras "Da existência ao existente" (1947), "Totalidade e Infinito" (1961), "*Difficile Liberté*" (1963) – obra sem tradução para o português – e "De outro modo que ser ou para lá da essência" (1974) (LEVINAS, 1998; 2006; 2011; 2016). Em "Da existência ao existente" (1947), Levinas entende que o lugar

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
 Jamille da Silva Lima

é imprescindível ao movimento ex-cedência do ser, pois é basilar para a inversão da relação entre ser e ente, ou entre existência e existente, como ele prefere chamar. O lugar é o “aqui” do movimento de personificação, condição fundante do sujeito. Trata-se de uma proposição original que se constitui no tema principal dessa obra: a substantivação do ser, ou seja, a hipóstase.

O lugar é compreendido como espacialidade ontológica necessária à irrupção e refúgio do sujeito. A ausência do lugar indica o **há** (*il y a*, em francês), conceito também proposto por Levinas para se referir ao ser em geral como verbalidade impessoal que oprime e submerge o que se denomina de eu. O **há** impõe a necessidade de arrancamento do ser, ou seja, de saída da condição de impessoalidade. Esta saída só é possível por meio do lugar, por isso ele é condição fundante do sujeito.

Em “Da existência ao existente”, o filósofo franco-lituano aprofunda a problematização sobre a diferença ontológica iniciada na obra “Da Evasão” (LEVINAS, 2001), de 1936, argumentando uma separação entre o ser em geral e os entes, entrevendo nestes uma metafísica que descreve o movimento de excedência em direção ao Bem. Levinas (1998) retoma o antigo problema do ser enquanto ser, já posto por Heidegger, abrindo-se para uma ética que precede a ontologia, o que o faz caminhar para um sentido metafísico da existência. O autor nos convida a refletir para além da intuição, pois argumenta que compreender o ser escapa à fenomenologia descritiva. Por isso, a pertinência da significação ética. Ora, como pensar que um filósofo que defende a primazia do sentido metafísico pode estar tão presente numa obra amplamente conhecida como referência fenomenológica, tal como “O homem e a terra” Éric Dardel?

Primeiramente, salientamos que, paradoxalmente, apesar de Levinas evocar uma linguagem ética que o conduz na busca do “iralém”, inclusive da própria fenomenologia, não significa dizer que ele não

seja fenomenólogo. Ao contrário, concordamos com Sebbah (2012) quando afirma que Levinas não desistiu de se afirmar como tal e insistiu em praticar a descrição fenomenológica, sem jamais contradizer essa afirmação; é justamente a dimensão ética que dota a fenomenalidade de significado e significação, como ele próprio enfatizou. A relação ética com o Outro é investigada a partir da fenomenologia, sendo a alteridade o último estágio da redução fenomenológica, como destaca Alves (2012). Por outro lado, a abertura para ética como caminho em direção ao Bem está apenas germinada na obra “Da existência ao existente”.

Esse movimento de excedência (sentido ao Bem) não se trata de um êxtase para o fim, como supôs Heidegger (2012) em “Ser e Tempo”, pois para Levinas (1998), o existir do ente é concebido como começo, um evento de nascimento do sujeito, em que o existente toma posse da existência em já existindo.

Em distintos momentos, a exemplo da própria publicação “Da existência ao existente”, mas também de “Ética e Infinito”, de 1982 (LEVINAS, 2013), Levinas reconhece a importância da filosofia de Heidegger para renovar a problemática ontológica, porém, ele questiona a leitura heideggeriana da existência como êxtase para o fim, pois compreende que a dialética do ser e do nada indica nosso engajamento do ser, em que o mal não é deficiência, ou seja, falta de ser, como pensou Heidegger. O ser, em sua própria positividade manifesta uma angústia, cuja morte não pode resolver. Não é um horror por temer a finitude, mas ele o é em virtude do drama da universalidade da existência. É justamente em razão do medo do nada que a existência encerra uma tragédia.

A existência é pensada como verbalidade que precede e independe do existente. Para entender o significado original do ser é preciso, inclusive, pensar a existência sem mundo, pois neste a relação com

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

o ser enquanto verbo é substituída pela relação com os substantivos, sendo assim intenção encarnada (KORELC, 2017). Para Levinas (1998), a dualidade da existência e do existente possui um caráter paradoxal, tendo em vista que não é uma hipóstase artificial e arbitrária desses dois termos que possibilita colocar à parte o que existe, para posteriormente refletir sobre o apoderamento do existente por sua existência, como se fosse uma ilusão pautada na dualidade verbal da repetição. A aderência da existência ao existente surge, pois, enquanto uma clivagem, ratificando o cumprimento dessa dualidade paradoxal.

Ser é verbo sem substantivo, e por isso não se refere ao objeto em contraposição ao sujeito, ou ainda à matéria em contraposição ao espírito. Essa verbalidade é indeterminação e neutralidade radical, que exprimem para Levinas o **há**. Enquanto verbo, o **há** não é meramente o nome de uma ação, pois sua função é, sobretudo, a de produzir linguagem. Em sua forma impessoal, o **há** designa o caráter anônimo da ação em sua forma mais radical, pois não se refere nem às coisas inanimadas, já que estas são seres pessoais e por isso, acabam por presumir a categoria do substantivo (LEVINAS, 1998).

Contudo, mesmo negando os entes, o nada se nadifica, ou seja, se produz, o que possibilita, segundo Heidegger, sua afirmação como ser (KORELC, 2017). Há uma impossibilidade lógica da negação absoluta, e por isso “o **há** está acima da contradição; ele alcança e domina sua contraditória” (LEVINAS, 1998, p. 74, destaques no original).

Embora não possamos falar propriamente na experiência do **há**, pois isso iria pressupor a existência do existente, Levinas descreve esse ser universal a partir da “experiência” de despersonalização manifesta pela escuridão da noite. Ela possibilita a compreensão aproximada do nada, pois dilui a distinção entre sujeito e objeto, entre interioridade e exterioridade. “Na noite, quando estamos presos a ela, não lidamos com coisa alguma. Mas esse nada não é um puro nada. Não é mais **isto**,

nem **aquilo**; não há ‘alguma coisa’” (LEVINAS, 1998, p. 68, destaques no original).

A obscuridade da noite “invade como presença”, mas é “presença da ausência”, “densidade do vazio”, “murmúrio do silêncio”. Essas expressões são tônicas levinasianas para pensar o **há** na obra “Da existência ao existente”, indicando um conteúdo paradoxal da noite, que apesar de sua universal ausência, apavora, sufoca e com efeito, se faz presença inevitável. Trata-se de um evento impessoal que chama à atenção por sua plenitude: “nada há, mas há ser” (LEVINAS, 1998, p. 74).

Na noite, o nada constitui uma ameaça indeterminada do espaço, fonte de horror, que nos expõe e entrega-nos ao ser, impedindo que nos fechemos em nosso interior, arrastando-nos ao anonimato que nos despoja de toda subjetividade e poder de existência privada. Oprimidos pelo nu da presença, resta-nos a excedência, que se impõe como necessidade de personalização, arrancamento do **há**, cuja realização se dá no lugar por meio da ontologia do sono.

Na insônia é a própria noite que vela, pois a vigília é anônima, na qual o eu fica exposto ao ser, e sob essa condição, pode-se dizer que ele se encontra como objeto. Porém, a consciência com seu poder de inconsciente, de evanescência e de sono possibilita o desprendimento do anonimato do ser, ou seja, do **há**. Ela faz parte da vigília e concomitantemente se afirma enquanto consciência, exprimindo um movimento que já é a ruptura dessa vigília, marcando a interrupção da insônia: o nascimento do sujeito, no qual o ser se assenhoreia ao ente.

Para Levinas (1998) o inconsciente não é uma outra consciência. Esta, paradoxalmente, é definida a partir de uma relação de vizinhança com o seu contrário, o inconsciente. A consciência é uma “luz cintilante, cujo próprio brilho consiste em apagar-se, que ao mesmo tempo é e não é” (LEVINAS, 1998, p. 118), ou seja, a consciência por si

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
 Jamille da Silva Lima

mesma pode desfalecer-se no mesmo ponto de sua luminosidade. A consciência, “[...] pode, apesar de sua eternidade sem sono, começar ou acabar numa cabeça, acender-se ou apagar-se, escapar-se de si própria: a cabeça recai sobre os ombros – dormimos”. É neste sentido que Levinas fala da participação da vida pela não-participação, a partir do repouso viabilizado pelo dormir: o sono.

Para tanto, é fundamental um lugar, um ponto de partida para o pensamento, que “não se trata somente de uma consciência de localização, mas de uma localização da consciência” (LEVINAS, 1998, p. 84) que, por sua vez, é a subjetivação do sujeito. O lugar é um “aqui”, condição fundamental da suspensão do **há, posição** necessária ao advento da consciência enquanto dormimos. “Deitamo-nos, encolhendo-nos num canto para dormir, abandonamo-nos a um lugar; ele se torna nosso refúgio como base” (LEVINAS, 1998, p. 86). Com efeito, o lugar é suporte da irrupção do sujeito. Mas poderia então ser qualquer lugar?

As relações que entretemos durante o sono com o lugar são obnubiladas por nossas relações com as coisas e por isso, Levinas (1998) argumenta que o lugar tem um caráter individual forjado pelas determinações concretas do meio, pelos apelos do hábito e da história, que acabam por tornar o lugar a própria casa, a cidade natal, o mundo. Fora da ambiência, a localização possivelmente se tornaria a presença numa extensão abstrata. O apelo ao sono significa buscar tatear a terra, mas é em razão do repouso que vem a consciência e terra torna-se apoio, fundamento do sujeito. Para Levinas (1998), o lugar é o aqui da consciência, o que poderíamos considerar um onde fundante do sujeito.

Segundo Levinas (1988), a compreensão do lugar como o “aqui” difere do *Da* implicado no *Dasein*, proposto por Heidegger (2012). O *Dasein* implica o mundo, mas para Levinas (1998, p. 119) “a inscrição

no ser não é uma inscrição no mundo”. O aqui levinasiano precede toda compreensão, horizonte e tempo. Enquanto aqui ele é ponto de partida, origem da consciência. Chrétien (2007), destaca que Heidegger no § 40 de “Ser e Tempo” defende sob um ponto de vista existencial e ontológico, que o fenômeno mais originário é *Un-zuhause*, “não-ser-em casa” do ser-lá, enquanto Levinas intenta domiciliar o *Dasein*, porque pensa ser o lugar um aqui.

O aqui é um começo, evento de nascimento pelo qual o inominável verbo ser é substancializado, posição que norteia a relação com o mundo. Neste sentido, ele não é coisa, enquanto base não é simplesmente materialidade, pois uma alma o habita e o seu ser não é da ordem do substantivo, pois ele é a própria irrupção do sujeito, ou seja, ele mesmo é evento.

O lugar é a condição do esforço que não se transcende, que se mostra como a única possibilidade de destacar-se do ser anônimo e de ser suscetível de tempo. O aqui é concebido por Levinas (1988), desse modo, enquanto evento do instante como presente. Apesar da noção de fluência não se aplicar ao tempo por si mesmo, mas sim aos seres no tempo, o presente constitui uma situação excepcional, na qual é possível pensar em um substantivo, ou seja, mesmo o tempo recusando-se a toda hipóstase, em virtude de uma transmutação ontológica, o presente diz respeito a realização de um sujeito.

Essa realização se faz possível para Levinas (1998) porque o presente é estância do instante. Contudo, ressaltamos que para o filósofo franco-lituano a estância não diz respeito a uma extensão imobilizada do tempo, como instituída pela filosofia moderna que excluiu do tempo o seu devir (LEVINAS, 1998). Não se trata da mera abstração de um recorte linear entre dois tempos. Ela não significa uma parada num sentido estrito, sendo a manifestação da interrupção e retomada

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

da duração: é presente, o qual sujeita-se ao ser e retorna a si mesmo. Esse movimento também é referência para a identidade do eu.

Neste sentido, Levinas concebe o lugar não como instrumento, mas como base encarnada, pois o “aqui” sendo suporte da substantivação, participa da ordem do evento, é a realização do sujeito no presente. Estas proposições inspiraram a geografia dardeliana expressa em “O homem e a terra”. Para Éric Dardel, o lugar é também compreendido “não somente como ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda ‘posição’ da nossa existência, de toda ação de se assentar e de se estabelecer” (DARDEL, 2011, p. 40). A relação entre lugar e sono, proposta por Levinas é citada diretamente por Dardel (2011). Contudo sabemos que esta é uma obra densa, na qual assim como Levinas, Dardel cita vários autores, a exemplo de Saint-Exupéry, Sartre, Hölderlin, Heidegger, Merleau-Ponty, K. Ritter, entre outros. Porém, acreditamos que a filosofia levinasiana influenciou fortemente o pensamento de Dardel, especialmente sobre o conceito de lugar, abordado neste texto.

TERRA E IRRUPÇÃO DO SUJEITO: O LUGAR COMO CONDIÇÃO DE REALIZAÇÃO

A geograficidade, conceito dardeliano para referir-se à relação homem-terra, se sustenta no abandonar-se às “virtudes protetoras do lugar”, no qual “firmamos nosso pacto secreto com a Terra, expressamos, por meio de nossa própria conduta, que nossa subjetividade de sujeito se encolha sobre a terra firme, se assente, ou melhor, ‘repouse’” (DARDEL, 2011, p. 40). Nesse sentido, o lugar é entendido pelo autor como base não somente material, mas também existencial, que funda o sujeito e possibilita a geograficidade.

Essa perspectiva geográfica da existência humana que orienta o pensamento de Éric Dardel está intimamente relacionada ao movimento de hipóstase defendido por Levinas (1998). Para o filósofo, ao superar o caráter obsedante e horrível de ser, ou seja, arrancar-se do **há**, o ser se assenhoreia aos seres, e desde então se manifesta uma geografia da experiência vivida.

Ao inverter a famosa diferença heideggeriana, Levinas (1998) argumenta uma relação intrínseca entre sujeito, lugar e terra, que por sua vez inspira a geograficidade concebida por Dardel (2011). Fundamentado em Levinas, Dardel (2011) defende a relação como o lugar como uma espécie de tateamento, que vai além do simples contato com a Terra, pois diz respeito ao apoiar-se, ao fato de repousar. Nesse sentido, “a Terra é experimentada como base”, condição de irrupção do sujeito. Ela é lugar, refúgio e fundamento da nossa subjetividade.

[...] a Terra é experimentada como **base**. Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (*de reposer et de reposer*). O sono, declarou Emmanuel Lévinas, ao dissolver nossas relações usuais com as coisas particulares, nos convida a nos concentrarmos sobre essa base, nos coloca imediatamente em relação “com o lugar como suporte do Ser”. “Ao nos deitarmos, ao nos encolhermos em um canto para dormir, nos abandonamos ao lugar – ele se torna nosso refúgio como base” (DARDEL, 2011, p. 40, destaques no original).

Uma discussão profunda sobre o sentido do lugar como esse apoio existencial é encontrada em “Da existência ao existente”. Para Levinas (1998), o apoiar-se na terra, entendida como lugar, não é um ato de estar perante alguma coisa, nem tampouco somente uma sensação do contato. O apoiar-se diz respeito ao suporte, de tal modo que ele funda o sujeito. É abandonar-se a base, viabilizada pela ontologia do sono, que por sua vez é citada por Dardel (2011).

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
 Jamille da Silva Lima

Enquanto suporte, o lugar é para Levinas (1998), o próprio evento: ele mesmo é a irrupção do sujeito, do próprio fato da posição. Por isso, antes de ser um espaço geométrico, ele é o advento da consciência, ou seja, nascimento do sujeito, que se cumpre em virtude da posição, de tal modo que o lugar não é instrumento, ele é a irrupção no ser anônimo, a condição de repousar.

Esse entendimento reverbera em Dardel, que destaca a importância do lugar como repouso e fundamento da consciência. Para o geógrafo, “o fato de repousar em um lar ultrapassa o contato inicial com o solo” (DARDEL, 2011, p. 41), pois cada ser humano manifesta uma perspectiva terrestre que lhe é própria. Tal assertiva é elucidada pela reflexão de Dardel (2011) acerca daqueles que foram deportados. Na condição de exilado, eles são afligidos pela expropriação das bases concretas e peculiares de seu ser, e ainda que reste-lhes uma quantidade de “objetos”, quaisquer razões não lhes recuperam o valor do que foi perdido, pois é subjetividade que foi dilacerada, carecendo-lhes poder “possuir” a partir de um suporte o que outrora lhes fora violentamente retirados. É justamente por entender que a Terra é condição do repouso conforme perspectiva levinasiana, que Dardel a reafirma como fundamento da existência e do sujeito:

A Terra, como base, é o advento do sujeito, fundamento de toda a consciência a despertar a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mescla a tomada de consciência, ela é para o homem aquilo que ele surge no ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo de seu habitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu pensar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e de erigir (DARDEL, 2011, p. 41).

Por isso, a Terra é compreendida por Dardel (2011) como condição de nossa historicidade, assinalando ao homem o seu lugar. A reflexão

dardeliana desenvolvida em “*L’histoire, Science du concret*”, publicada originalmente em 1946 (DARDEL, 2014), ganha corpo a partir da relação com a geograficidade, conceito desenvolvido em “O homem e terra”, pois nesta obra a realização de toda realidade histórica está imbricada ao lugar, à Terra.

A relação do existente com o mundo se dá a partir do evento de saída no ser anônimo, especificamente a partir do pôr-se sobre o solo. O lugar é o ponto de partida para todo o horizonte, assim como para toda compreensão e todo tempo, sendo por isso, segundo Levinas (1998), o “aqui” da consciência. Ou nos termos da geografia dardeliana, é a partir do lugar, entendido como base da nossa existência terrestre e de nossa condição humana, que o homem manifesta uma geografia em ato. O lugar é fundamento da inquietude geográfica por desvendar o mundo, pois ele é “um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde iremos” (DARDEL, 2011, p. 41, destaques no original).

A compreensão do lugar como o “aqui” é uma oposição explícita ao *Dasein*, proposto por Heidegger em “Sere Tempo”, como já destacamos. Para Levinas (1998), embora Heidegger tenha contribuído para pensar o ser enquanto verbalidade, ação de ser, rompendo a redução feita pela filosofia realista e idealista do jogo “sujeito-objeto”, ele concebe a existência como um movimento da interioridade para a exterioridade, sendo a temporalidade um êxtase, o “ser fora de si mesmo”. Fazendo uma crítica tácita a Heidegger, Levinas (1998, p. 99) questiona “[...] se o êxtase é o modo original da existência, se a relação que se chama correntemente de relação entre o eu e o ser é um movimento para um fora, se o **ex** é a raiz principal do verbo existir”. Orientado por esse questionamento, Levinas (1998, p. 118) defende justamente o contrário: a) “os fenômenos da luz e da claridade – e da liberdade que deles é solidária – dominam”; b) “os sentimentos são constituídos

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

sobre o modelo 'fora-dentro' [...]; c) "a vontade em movimento de dentro para fora já pressupõe o mundo e a luz".

Levinas (1998) insiste na noção de posição, pois considera que "a transcendência não é a *démarche* fundamental da aventura ontológica. Ela se baseia na não transcendência da posição" (LEVINAS, 1998, p. 118). Por isso, "o **aqui** da consciência – o lugar de seu sono e de sua evasão em si – difere radicalmente do *Da* implicado no *Dasein* heideggeriano. Este já implica o mundo" (LEVINAS, 1998, p. 87 – destaques no original), porém "a inscrição no ser não é uma inscrição no mundo" (LEVINAS, 1998, p. 119), como propõe Heidegger (2012). O ponto de partida é o **aqui**: lugar é uma **condição**. Assim, esse lugar que assenta o ser, do qual fala Levinas (1998) e ratifica Dardel (2011), é o onde [aqui] que norteia a consciência do mundo [lá], sendo a base para a própria manifestação da cumplicidade homem-Terra, a geograficidade, de que fala este geógrafo.

É desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo. Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o "lar", o país natal, o ponto de ligação, isto é, para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. **Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono aquilo que está**, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade (DARDEL, 2011, p. 40-41, destaques acrescentados).

O lugar nos é fundamental. O encontrar-se desterrado põe em questão a nossa subjetivação enquanto sujeito. "Perder a localização é se ver desprovido de seu 'lugar', rebaixado de sua posição 'eminente', de suas 'relações', se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (DARDEL, 2011, p. 14).

No entanto, cabe-nos perguntar se ao conceber o lugar como base da nossa existência, não estaríamos justificando um enraizamento e aprisionando o sujeito. Besse (2006, p.93) relaciona a geografia proposta por Dardel com a liberdade, especialmente a noção de terra do autor, argumentando que "a Terra não é o Lugar", no sentido superlativo do termo, e que a relação homem-Terra não denota que este esteja encerrado num lugar. Para tanto, ele retoma a crítica posterior de Levinas a Heidegger, feita em "*Difficile liberté*" (1984), no qual Levinas recusa essa "eterna sedução do paganismo" que acaba por expressar as "superstições do **Lugar**" (LEVINAS, 1984, p.301, destaques no original)². Nesse contexto, Besse (2006) defende que em Dardel (2011) a espacialidade humana é movimento, sendo por um lado, o pensar junto o homem e a terra uma recusa em anular a humanidade do ser humano, restringindo-o a um ser fixado no lugar, e por outro lado, esse pensar junto "é recusar ver o homem como sujeito abstrato e separado de toda condição" (BESSE, 2006, p. 93).

Levinas refletiu ao longo de toda sua vida sobre as noções de lugar (e de não-lugar, que exploraremos em outra oportunidade), estando elas difusas em suas publicações. A preocupação com o sentido metafísico orientou o pensamento desse filósofo para a epifania do rosto, na qual o lugar ganha outras conotações, mas não deixa de ser o "aqui". Embora esse movimento não esteja incorporado à obra de Dardel, pois se refere aos desdobramentos posteriores da filosofia levinasiana, ela contém elementos que permitem esta continuidade pela via da geografia dardeliana (um projeto a ser explorado).

NECESSIDADE DA ESCAVAÇÃO

A obra de Dardel tem sido muito fecunda para a Geografia Humanista e Fenomenológica no Brasil, sobretudo após sua oportuna

² Tradução de: "l'éternelle séduction du paganisme" e "superstitions du **Lieu**".

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

tradução em 2011. No entanto, devido às suas características, continua ainda relativamente pouco estudada em relação às suas linhas de composição e aos arcabouços teóricos (filosóficos, geográficos, literários) que a constituem.

A filosofia de Levinas se mostra, como esperamos ter conseguido levantar, uma destas várias linhas, com uma importância ainda subexplorada e subestimada. A pergunta do título do artigo, portanto, ainda precisa de mais escavação para ser respondida amplamente, sobretudo a partir de outros aspectos que serão alvo ainda de maior aprofundamento de nossa parte.

Primeiramente, é necessário um olhar mais específico em torno dos conceitos de **geograficidade** e sua contraparte explorada em outro livro fundamental de Dardel (*“L’histoire, science du concretu”*), **historicidade**.

Há um pensamento de profundo entrelaçamento entre elas em Levinas, que concebe espacialidade e temporalidade como indissociáveis, aproximando lugar de instante, na forma da estância, como vimos. Devemos nos lembrar que “[...] o sufixo *ancia* procedente de *antia* ou *entia* deu origem a nomes de acção” (ROLAND, 2001, p. 33). Essa estância não significa parada num sentido estrito, sendo a manifestação da interrupção e retomada da duração: é presente, o qual, por sua vez, consiste na realização de um sujeito. O lugar, ou também, “a posição é o próprio evento do instante como presente” (LEVINAS, 1998, p. 89).

Isso nos remete para a clássica formulação de Yi-Fu Tuan, em “Espaço e lugar”, segundo o qual o lugar é a pausa no movimento (TUAN, 2013). No entanto, em Levinas, cada instante é um começo, pois ele é desvanecido continuamente, o que o torna presente puro, evento. O lugar, pensado como esse presente, é eminentemente liberdade. Em “Da existência ao existente” ele pode ser “[...] tornado

a própria casa, a cidade natal, a pátria, o mundo” (LEVINAS, 1998, p. 86, destaques no original). Isso implica pensar que podemos nós mesmos construir lugares, como assinala Dardel (2011), mas sempre “nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades” (DARDEL, 2011, p. 41). A imprescindibilidade de um “aqui” sinalizada por ambos autores não significa que ele seja imutável e fixo, ao contrário, em Levinas o aqui passou a ser relacionado cada vez mais com o que ele denomina de não-lugar, e em Dardel, o aqui é a condição de toda a inquietude geográfica, de toda a movência e volição humana em conhecer o mundo.

Por esta via, o conceito de Terra também se mostra, em Dardel, ligado à compreensão de Levinas, que a concebe como base – o que merece uma escavação mais aprofundada. O mesmo pode-se dizer do conceito de paisagem – todos articulados a partir do binômio geograficidade-historicidade em um horizonte que relaciona hermenêutica e ontologia.

Compreender o conceito de lugar em “O homem e a terra” se mostra, assim, apenas o primeiro passo para entender a geografia dardeliana em sua influência levinasiana, especificamente no que se refere ao sentido da espacialidade da existência. Mas mantém muitas perguntas em aberto, necessárias para ampliar a fecundidade de “O homem e a terra”: Para Dardel, haveria um sentido metafísico que precede o ser? Qual o sentido do êxtase em “O homem e a terra”? Que outras questões da filosofia existencial antecedem a cisão entre “dentro e fora”? Que é consciência e sujeito para Dardel?

Tentar responder essas questões perpassa pelo diálogo com vários outros autores presentes na geografia dardeliana, especialmente Martin Heidegger, inclusive por sua importância para entender o próprio Levinas. É necessário um esforço coletivo para escavação do pensamento de Dardel, tanto para compreendê-lo em sua densidade

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

e múltiplas influências, quanto para possibilitar desdobramentos da sua geografia. Mas essa tarefa arqueológica, prescinde ainda, um investimento profundo na filosofia existencial de Levinas e seus interlocutores, sem a qual a compreensão de Dardel será, no mínimo, parcial. ○

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marcos A. Da fenomenologia à ética: uma breve análise desde o pensamento de Levinas. *Thaumazein, Santa Maria, Ano V, n. 10, p. 43-52, 2012.*
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: ensaios sobre a paisagem e a geografia.** (Trad. Valdimir Bartalini) São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. Geografa e Existência: a partir da obra de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-140.
- CHÉRETEN, Jean-Louis. Lieu et non-lieu dans la pensée de Levinas. In: COHEN-LEVINAS, Danielle; CLÁMENT, Bruno. **Emmanuel Levinas et les territoires de la pensée.** Paris: PUF, 2007. p. 121-137.
- DAL GALLO, Priscila M.; MARANDOLA JR., Eduardo. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**, v.11, n.16, p.173-200, 2015.
- DARDEL, Éric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DARDEL, Éric. L'histoire, science du concret. In: DARDEL, Éric. **Ecrits d'un monde entier.** Gêneve: Héros-Limite, 2014.
- DAVIM, David. E. M. "As Forças em luta": segredos entre Nietzsche, Bachelard e Dardel sobre as vontades da Terra. In: Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia. Presidente Prudente. **Anais**, p. 5329-5340, 2015.
- FARINELLI, Franco. Le "circostanze" di Dardel. In: DARDEL, Éric. **L'Uomo e la Terra: natura dela realtà geografica.** Milão: Unicopli, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.
- HOLZER, Werther. A Geografa Humanista Anglo-Saxônica: de suas origens aos anos 90. **Revistas Brasileira de Geografa**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-146, 1993.
- HOLZER, Werther. A Geografa Fenomenológica de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, p. 141-154, 2011.
- KORELC, Martina. **O problema do ser na obra de E. Levinas.** Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente.** Trad. Paul A. Simon; Lígia M. de C. Simon. Campinas: Papyrus, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da evasão.** Lisboa: Estratégias criativas, 2001.
- LEVINAS, Emmanuel. **Difficile Liberté.** Paris: Albin Michel, 2006.
- LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser ou para lá da essência.** Tradução José L. Pérez; Lavínia L. Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito.** Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2013.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade.** (Trad. José Pinto Ribeiro). 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2016.
- LÉVY, Bertrand. L'Uomo e la Terra: alcune fonti filosofiche e letterarie. In: DARDEL, Éric. **L'Uomo e la Terra: natura dela realtà geografica.** Milão: Unicopli, 1996. p. 119-127.

Dardel levinasiano? O sentido da hipóstase e a irrupção do sujeito no lugar
Jamille da Silva Lima

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio à edição brasileira. In: DARDEL, Éric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. xi-xiv.

PINCHEMEL, Philippie. Biografia de Éric Dardel. In: DARDEL, Éric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 155-159.

RAFFESTIN, Claude. Pourquoi n'avons-nous pas lu Éric Dardel? **Cahiers de géographie du Québec**, v. 31, n. 84, p. 471- 481, 1987.

ROLAND, Jacques. Sair do ser por uma nova via. In: LEVINAS, Emmanuel. **Da evasão**. Trad. André Veríssimo. Lisboa: Estratégias criativas, 2001.

SCHAEFER, F. Excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 7, n. 13, p. 5-37, 1977.

SEBBAH, François-David. A fenomenologia francesa. In: **Fenomenologia e existencialismo**. DREUFUS, Hubert L; WRATHALL, Mark A. (Orgs.). Trad. Cecília C. Bartalotti; Luciana Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2012. p. 57-72.

SEMERARI, Giuseppe. La filosofia della geografia di Eric Dardel. In: DARDEL, Éric. **L'Uomo e la Terra**: natura della realtà geografica. Milão: Unicopli, 1996. p. 89-94.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em Janeiro de 2018.

Revisado em Maio de 2018.

Aceito em Junho de 2018.